

En el ejercicio anterior (Secuencias textuales) identificamos el modo de organización de la información predominante en cada texto. Ahora veamos una descripción combinada con una narración, en el texto: "Escada de Lina Bo".

Luego resuelva las actividades.

http://www.arquitetonica.com/revista5/?page_id=1346

¡Buen trabajo! Prof. Soledad Barrios

Escada de Lina Bo

Publicado em 25 de agosto de 2015 por Revista

“D. Lina foi quem mais profundamente viu a força do aspecto da criatividade popular do Nordeste. Ela tematizou a força da cultura popular da região e, dizia muito claramente, não como folclore, não como documentação de um estilo exótico, divertido ou curioso, mas como verdadeira força cultural.” Caetano Veloso



MAP, Salvador, 2002.

Foto: Ricardo Carranza

Dona Lina, como era carinhosamente chamada pelos baianos, esteve em Salvador a convite do arquiteto Diógenes Rebouças, para lecionar na Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia. Nos cinco anos em que conviveu “entre os brancos”, a arquiteta atuou como professora e cumpriu o papel de uma verdadeira agitadora cultural: colaborou com o Diário de Notícias publicando regularmente suas crônicas, foi fundadora e diretora do Museu de Arte Moderna da Bahia, onde montou exposições e peças de teatro e criou o Museu de Arte Popular – MAP.

O MAP foi idealizado pela arquiteta como um “Museu de Arte Popular e não de Folclore” e seria um “Museu de ‘Arte’ como **‘Artes’**, isto é, o ‘fazer’, os ‘fatos’, os acontecimentos do cotidiano”. Com suas exposições e oficinas, o MAP cumpriria o papel de resgatar e valorizar

a verdadeira cultura popular nordestina, elevando a categoria de arte: ex-votos, gamelas, moringas, pilões entre outras peças. A proposta segue as ideias e ideais da arquiteta, que acreditava encontrar na cultura do povo “*a força necessária ao desenvolvimento de uma nova e verdadeira cultura*” e que entendia a história “*como herança e continuidade*”; assim, está em consonância com as demais realizações da arquiteta, que seguem o conceito nacional-popular gramsciano ao qual Dona Lina era tributária. Para instalação do MAP, Dona Lina reciclou o Solar do Unhão, um tradicional engenho de açúcar com casa-grande, capela e senzala, do século XVI, tombado em 1943, pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O restauro iniciado em 1958, além de valorizar o patrimônio e incorporar as diversas intervenções sofridas pelo conjunto no decorrer dos séculos, trouxe novos elementos que se harmonizam aos preexistentes, como o detalhe da escada de madeira.

Diferentemente de um simples elemento utilitário para interligar pavimentos, a escada helicoidal é escultórica e materializa tanto o conceito do MAP, quanto a teoria de restauro da arquiteta, que evitava distinguir ou hierarquizar “*parte histórica e parte moderna*”. Inscrita num retângulo de 410 x 470 cm, delimitado por quatro pilares de madeira de lei, de 30 x 30 cm, da estrutura original da edificação, a escada foi construída com uma coluna central de madeira bruta *pau-d’arco*, de 40cm de diâmetro, vigas periféricas de 10 x 35 cm, fixas aos pilares originais com parafusos, pisos de madeira ipê-amarelo, de 7cm de espessura, bi-apoiados, de um lado sobre consoles fixos à coluna central e do outro se solidarizam à viga periférica mediante encaixe em sulco de 60 x 8 cm e travamento com cavilhas tipo chaveta, de cerca de 13cm. Tal solução de encaixes e cavilhas, teria sido inspirada na técnica de construção de carros de bois, em especial a canga – peça de madeira curvilínea que se apoia sobre os pescoços dos animais para prender a junta de bois ao cambão do carro. Dona Lina, ao valorizar a centenária técnica construtiva, criou uma escada sincrética edificando uma ponte segura entre dois mundos: erudito e popular.

http://www.arquitetonica.com/revista5/?page_id=1346